

Museus de Ciências e Tecnologias Sociais: uma proposta.

Evandro Ferreira Passos

Parque da Ciência da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil

www.ufv.br/crp

epassos@ufv.br

Palavras chave: Desenvolvimento local, Tecnologias Sociais, Museus de Ciências.

RESUMO

A Rede de Tecnologia Social – RTS (www.rts.org.br) é uma rede que reúne, organiza, articula e integra um conjunto de instituições (mais de 450 instituições atualmente) com o propósito de promover o desenvolvimento sustentável mediante a difusão e a reaplicação em escala de tecnologias sociais. Tecnologia Social (TS) compreende produtos, técnicas ou metodologias, reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social. A RTS tem, ainda, o propósito de estimular a adoção de tecnologias sociais como Políticas Públicas de inclusão social e sua apropriação pelas comunidades-alvo, a serviço do desenvolvimento local e da geração de emprego e renda. Partindo da história e das características destas duas redes, a RTS e a rede brasileira de museus e centros de ciências (www.abcmc.org.br), o presente trabalho considera o potencial dos museus de ciência enquanto agentes de mudança e transformação social e discute algumas possibilidades de interação entre as duas redes, na perspectiva de colocar a Ciência & Tecnologia como fator de criação de riqueza, emprego e bem estar para a população brasileira. De alguma forma, este trabalho dá seqüência às reflexões do autor em seu trabalho “O ecomuseu e o desenvolvimento local”, que pode ser lido em <http://www.redpop.org/pagina%20portugues/8reunion/8reunionp.html>. A idéia é de que os museus de ciência potencializem a discussão sobre o conceito de Tecnologia Social e divulguem Tecnologias Sociais visando sua reaplicação em escala. Para viabilizar esta proposta será necessário identificar e apoiar experiências bem sucedidas de popularização de Tecnologias Sociais em centros e museus de ciências.

INTRODUÇÃO

Participando durante alguns anos dos eventos da área, temos a impressão de que a maioria das pessoas envolvidas com a popularização da ciência, no âmbito da RedePOP, têm uma visão crítica e complexa sobre ciência e tecnologia. Esta compreensão, ao inspirar exposições e serviços prestados em museus de ciências, tem contribuído e pode contribuir ainda mais para que os museus de ciência promovam a crítica ao cientificismo e suas ilusões progressistas e humanistas (Chrétien, 1991), a desmistificação do trabalho científico e uma melhor compreensão dos aspectos filosóficos, históricos, sociais e políticos relacionados à produção e apropriação do conhecimento técnico e científico.

Talvez a maioria dos participantes da RedePOP concorde com a afirmativa: “o problema de utilizar equitativamente o conhecimento científico que temos é um problema de urgência maior do que a produção de mais conhecimento científico na sociedade contemporânea.” (Chalmers, 1994).

A preocupação com a inclusão social e a cidadania tem inspirado muitas das ações, iniciativas e serviços prestados pelos museus interativos de ciências no Brasil (Matos, 2002).

É neste contexto, fortemente marcado por preocupações sociais, que surge no ano 2000 a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC, hoje com cerca de 80 associados): para unir idéias, compartilhar experiências, projetos e possibilitar um intercâmbio de recursos e informações entre Centros e Museus de Ciência de todo o Brasil. Pretende ainda identificar, fortalecer e difundir áreas e atividades de cooperação, apoiando programas de divulgação científica e articulando uma Política Nacional de Popularização da Ciência. Acredita-se que a colaboração entre os diversos museus, centros e grupos pode influir numa política de disseminação do conhecimento científico. A expectativa é de que, sobretudo na medida em que evoluírem para um funcionamento em rede, possam os museus de ciência contribuir de forma mais efetiva para o desenvolvimento do país, para uma percepção da ciência em todas as suas dimensões, para a inclusão social e a construção da cidadania.

O primeiro encontro para a construção da Rede de Tecnologia Social foi realizado nos dias 15 e 16 de julho de 2004 durante o primeiro mandato do Presidente Lula, e serviu para o reconhecimento mútuo entre as instituições e harmonização de visões sobre o tema. Participaram cerca de 30 pessoas, representando 20 instituições governamentais, organizações da sociedade civil, universidades e institutos de pesquisa. A primeira formalização da noção de Tecnologia Social teve como ponto de partida as várias visões e entendimentos sobre o assunto na perspectiva dos diferentes participantes, para que uma primeira definição fosse construída: “Conjunto de técnicas e procedimentos, associados a formas de organizações coletivas, apropriadas pelas comunidades, que representem soluções para inclusão social e melhoria da qualidade de vida ”.

As quatro dimensões básicas da RTS foram destacadas: (1) garantir a pesquisa e desenvolvimento de novas Tecnologias Sociais quando identificadas demandas e/ou necessidades sociais não atendidas, (2) reuplicar as que já existem, (3) avaliá-las e monitorá-las, (4) financiá-las. Além destas quatro dimensões, o princípio básico de transparência na formação e gestão da rede esteve presente : “A RTS é um instrumento de organização coletiva para a democratização de soluções tecnológicas que promovam a inclusão social. ”

Ainda neste debate, a possibilidade de transformação social através da apropriação tecnológica foi discutida: seria possível, através dos mecanismos de produção do

conhecimento presentes na sociedade capitalista gerar transformação social desta sociedade ou impõe-se a construção de conhecimentos de novo tipo, estes sim apropriados à construção de uma nova sociedade? Seria a idéia de tecnologia social similar à de "assistência social", adequada ao século XXI? É possível criar "centros de inovação tecnológica", com foco na dimensão social? Estes debates mostram que este primeiro encontro atingiu um dos objetivos da proposta da RTS, qual seja, uma rede democrática, dialógica, inclusiva.

No biênio 2005/2006, as reaplicações de TS apoiadas pela RTS ocorreram nos seguintes territórios: Semi-Árido e sertão do São Francisco, Amazônia Legal e periferias das grandes cidades, tendo sido investidos cerca de R\$43 milhões. As Tecnologias Priorizadas neste Biênio foram: Certificação Agroextrativista, Manejo de Açaizais, Meliponicultura, Camarão Água Doce, Agentes de Desenvolvimento Rural, Barragens Subterrâneas, Barraginhas, Cabrito Ecológico da Caatinga, Cisterna adaptada para roça, Minifábricas de beneficiamento, PAIS - Produção Agroecológica, Empreendimentos solidários, Habitação e saneamento com autogestão, Reciclagem de resíduos sólidos e Apoio a empreendimentos solidários. O 1º Fórum Nacional da RTS realizado em dezembro/2006, em Salvador/BA, foi marcado pela motivação de 300 participantes e demonstrou a vitalidade desta rede.

TECNOLOGIA CONVENCIONAL e TECNOLOGIA SOCIAL

Neste item apresentamos duas idéias colocadas no 1º Fórum da RTS. "O conceito de Tecnologia Social é novo, revolucionário, e deve ser incorporado a políticas públicas, ações de governo, mercado e da academia", ressaltou o professor Renato Dagnino, da Unicamp. Para ele, a tecnologia convencional foi concebida para a empresa privada e tende a inibir o conceito da Tecnologia Social. "A Tecnologia Social demanda uma revolução na Ciência e Tecnologia", enfatizou. De acordo com o professor, 99% dos recursos voltados a C&T no País são gastos em tecnologia convencional que, ao invés de criar, destrói postos de trabalho e não tem sido capaz de promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. "Temos de exigir dos nossos governantes mais recursos para a Tecnologia Social", disse. Tirar metade da população brasileira economicamente ativa da informalidade não significa inseri-la no mercado. Se participação é a palavra de ordem, não deve significar apenas participação política, mas também na produção de conhecimento.

O gerente do Sebrae Nacional, Juarez de Paula, reforçou que o conceito de desenvolvimento contemporâneo não se baseia apenas no crescimento econômico e geração de riqueza, mas, sobretudo na qualidade vida e condição social dos países. "A Noruega, por exemplo, não está no ranking dos países mais ricos, mas é o primeiro no Índice de Desenvolvimento Humano", exemplificou.

Diante destas idéias, vários questionamentos podem ser colocados sobre o que temos feito em nossos museus de ciência. Não estaríamos sendo divulgadores de uma C&T convencional, a serviço do capital, que destrói o planeta e que, em geral, não promove a inclusão social ?

Não deveriam os museus de ciência, enquanto espaços públicos e democráticos de debate, colocar em sua pauta (e em suas exposições) esta discussão ? Não poderiam os museus de ciência cumprir o papel complementar de unidade de fomento tecnológico, disponibilizando conhecimentos e informações, interagindo com a RTS, Sebrae, SENAC, SENAI, etc.?

ARTICULAÇÃO ENTRE AS REDES

A interação entre redes possibilita a multiplicação das iniciativas e o compartilhamento de informações, alargando o horizonte das experiências e idéias. Acreditamos que uma articulação entre estas duas redes tem tudo para ser mutuamente benéfica. Propomos que a ABCMC coloque em pauta a discussão das Tecnologias Sociais. Em que medida devemos e podemos colocar nossos museus e exposições a serviço da RTS ? Por que não aproveitar nossa vocação para oficinas e exposições itinerantes, para difundir tecnologias sociais? Por que não acrescentar, à formação continuada de professores (serviço já prestado por muitos museus de ciências), a formação de agentes de desenvolvimento local ? Que possibilidades de financiamento podemos identificar junto aos parceiros (governamentais) da RTS para implementar ações desta natureza?

BIBLIOGRAFIA CITADA

- CHRÉTIEN, C. (1991) *La science à l'oeuvre*, Éditions Hatier, Paris.
CHALMERS, A. (1994) *A fabricação da ciência*, Editora UNESP, São Paulo.
MATOS, C. (2002) *Ciência e inclusão social*, Terceira Margem, São Paulo.
Projeto Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local, Instituto Cidadania, 2006.